

# A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA

## THE IMPORTANCE OF QUALITATIVE EVALUATION

Iracilda Gabriel<sup>1</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem como tema a questão da avaliação que é amplamente discutida em todos os segmentos externos e internos da escola e também nas associações e comunidades. As escolas buscam constantemente redefinir o seu papel e a sua função social. Elas estão elaborando o seu projeto educativo para nortear as práticas educativas e, conseqüentemente a avaliação.

**Palavras Chaves:** Avaliação Qualitativa, Educação, Escola.

### **Abstract:**

This article theme as the issue of assessment that is widely discussed in all external and internal segments of the school and also the associations and communities. Schools are constantly seeking to redefine its role and its social function. They are developing their educational project to guide educational practices and consequently the evaluation.

**Key- Words:** Qualitative Assessment, Education, School.

## **1 - INTRODUÇÃO**

A avaliação está presente em todas as áreas das ciências e pode ser abordada em diferentes aspectos, no que diz respeito em diferentes atividades profissionais, na empresa, de uma política e etc. o indivíduo quando passa a refletir, planejar, também passa pelo processo de avaliação que está presente em seu cotidiano e em todas as fases de sua vida.

---

<sup>1</sup> Professora Especialista Iracilda Gabriel da Silva, graduada em Pedagogia pela FITS Campus de Tangará da Serra, Especialista em Psicopedagogia, Educação Infantil e Séries Iniciais, Pós graduando em Ensino de Filosofia e Sociologia. Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia com ênfase em Educação Ambiental. Professora da rede pública de ensino lotada na Escola Estadual Professora Francisca de Souza Alencar.

Para Demo (2002), o sujeito fazer parte do processo avaliativo, o mesmo tem que ser participante em todas as dimensões políticas de solidariedade comunitária, de capacidade crítica, de auto sugestão que serviriam para resolver a cidadania.

A tecnologia concretiza a perfeição da capacidade humana de inventar instrumentos capazes de solucionar problemas e diz-se formal porque não é feita necessariamente a conteúdos determinados. Mas na realidade o que vem ocorrendo é que o homem vem autodestruindo-se através das barbaridades históricas, mesmo estando no século XXI ainda prevalece as desigualdades sociais existentes em todos os países, inclusive o Brasil.

Embora o homem seja capaz de fazer novas invenções e facilitar a nossa vida diária, sempre haverá os problemas sociais que afeta milhões de pessoas espalhas pelo mundo, como a miséria, desemprego, guerra, mortes e pessoas inocentes. O homem é perverso quando fabrica a bomba atômica, cuja única finalidade é a destruição do próximo não se discute a guerra, mas somente como fazê-la com eficiência, vindo a acorrer calamidades tais como fome, miséria desemprego e outros problemas sociais.

O indivíduo pobre é aquele que submete a um trabalho escravo, onde o mesmo não é valorizado como pessoa e nem tão pouco com um salário digno da sua função, o sujeito vive a condição de massa de manobra, de objeto de dominação e manipulação, de instrumento a serviços dos outros. Uma face dessa pobreza é a falta de consciência dos indivíduos que não reivindica seus direitos e acaba sendo sujeito proletariado, dominado pelo poder de seus superiores, gerando uma violência contra o trabalhador que é submetido às condições de vida precária, passando por diversas misérias como desnutrição, falta de vestuários enfim tirando-lhe a qualidade de vida. Que se o proletariado fosse valorizado em nossa sociedade teríamos uma camada pobre, vivendo em condições melhores, ou talvez tentando sobreviver nessa sociedade que só os fortes e inteligentes sobrevivem.

Mas infelizmente ainda somos submetidos a uma pobreza política onde falta a participação a consciência histórica imposta da necessidade de autodeterminação,

nossa sociedade ainda é miserável, porque ainda não somos pessoas capazes de conquistar nosso espaço próprio e criativo, ainda somos massa de manobra nas mãos de oligarquia. E as pessoas que tem consciência crítica é a minoria, uma vez que tem receio de enfrentar os donos do poder, que com certeza, irá acarretar vários problemas, o sujeito opta por não falar, reivindicar seus direitos o que acaba ocasionando a dominação e manipulação dos indivíduos envolvidos nesse processo.

## **2. A CRISE DO CAPITALISMO**

A crise do capitalismo, quando novas formas de organização de produção, novas tecnologias, convivem com formas antigas de exploração de trabalho, quando a extração da mais-valia se realiza, tanto na sua forma absoluta, como em sua forma relativa, quando existe um movimento interno à produção, com nítidos contornos sociais.

Quando a pesquisa em educação se debruça sobre este novo perfil do trabalhador identificado com a equipe ou com uma cédula produtiva, vivendo um processo de cooptação intenso, mas desfalcado de ganhos materiais o que significaria para o capital, abrir mão de parcela de seu lucro, o que não deve ocorrer a reafirmação da materialidade da classe trabalhadora é pertinente e necessária.

Os limites do controle sobre o trabalho, a criatividade e a formação são marcadas por esta materialidade e não somente por um processo subjetivo. Este é o material diretamente ligado à alienação que continua, obviamente a determinar as relações de classe. O trabalho enquanto atividade remunerada por um salário não satisfaz as necessidades e os anseios individuais. Isto porque é uma atividade castradora e limitada da criação. A esfera da autonomia cede terreno à esfera da heteronomia, pois a organização da sociedade, política, econômica, social, assim o impõe.

O trabalho nesses moldes impossibilita não só o reconhecer-se no trabalho, como também a identificação do indivíduo enquanto membro de uma classe. O trabalho

movido pela racionalidade capitalista, da busca constante do lucro e da minimização dos custos faz do trabalho heteronomia uma atividade castradora da criatividade humana.

Colocar a questão da pobreza política será estranho para muitos, porque somente reconhecemos nela o eco material. Pobre é faminto. É quem habita o mal ou não tem onde habitar. É quem não tem emprego ou recebe remuneração abaixo dos limites da sobrevivência. Não estamos habituados a considerar como pobre a pessoa privada de sua cidadania, ou seja, que vive em estado de manipulação, ou destituída da consciência de sua opressão, ou coibida de se organizar em defesa de seus direitos.

A pobreza política é uma tragédia histórica, na mesma dimensão da pobreza socioeconômica, e se retrata, entre outras coisas, na dificuldade de formação de um povo capaz de gerir seu próprio destino e na dificuldade de institucionalização da democracia.

Demo (2002), após admitir que a quantidade e a qualidade constituem aspectos integrantes e indissociáveis da educação, na tentativa de definir conceitos e critérios de avaliação da qualidade, distingue a qualidade formal ligada ao domínio tecnológico, da qualidade política, voltada para a cidadania, entendida que uma não pode ser entendida sem a outra, nem tão pouco pode ser substituída pela outra. A qualidade política, referindo-se a conteúdos históricos, é de teor prático e inevitavelmente ideológico e, portanto, de tessitura metodológica distinta daquela que a ciência clássica costuma abarcar em seus cânones. Toca a face social de valores e compromissos, da consciência social crítica que é capaz de revelar sujeitos autônomos, que não presas fáceis de manipulações e que estão aptos a fazerem opções sobre o uso alternativo das instrumentações tecnológicas.

Para o autor, a conotação política da qualidade da escola está menos na sua característica pública do que no controle democrático sobre ela exercido pela comunidade e pela sociedade em geral. Julga ele também necessário recompor a pesquisa como o princípio educativo, uma vez que ela não implica a simples aplicação de métodos científicos de descoberta da realidade, mas responde pelo seu

questionamento e transformação. Como princípio educativo, o conhecimento, que tem como fonte privilegiada a pesquisa, está na base do processo emancipatório, que sempre começa com a tomada de consciência crítica e a capacidade de dizer não, ato que inaugura o processo político questionador e que jamais se conclui.

O confronto de ideias, o embate entre posições, reconhecimento do conflito, a constatação da desigualdade, são fundamentais para a organização política dos desiguais no caminho da emancipação. A importância da escola estaria na possibilidade de realizar a dupla face da pesquisa. Apetrechar tecnicamente para fundar competência tecnológica e fazer pensar e se repensar na linha da transformação.

## **2.1. Compromisso Educativo da Avaliação Escolar**

Demo (2002), busca ainda caracterizar o compromisso educativo da avaliação escolar e define como um processo permanente de acompanhamento do aluno. Tendo como referência o paradigma da comunicação, coloca a discutibilidade como critério essencial da cientificidade, que tem a ver com a avaliação, tanto no que diz respeito aos procedimentos que fazem parte de sua lógica intrínseca, quanto no que se refere à apreciação da qualidade.

O pesquisador que busca uma avaliação qualitativa segundo Luckesi (1999) colhe material, seja de qualquer forma. Sugere uma classificação política dos estudos avaliativos, visando a construção de uma avaliação democrática, cujos conceitos são direito ao usuário a informação e a utilização dos resultados da avaliação para melhorar ou redirecionar as próprias atividades.

A avaliação qualitativa se baseia num paradigma crítico e visa a melhoria da qualidade da educação. Sua ênfase é no processo. Ela reflete um ensino que busca a construção do conhecimento. A avaliação terá seu sentido mais autêntico e significativo se tiver articulação com o processo político pedagógico da escola é ele que dá significado ao trabalho docente e a relação professor-aluno.

Num processo de avaliação de aprendizagem Luckesi (1999) coloca que há um foco num todo, no coletivo. Mas há também um outro, nos dois protagonistas principais, que são o professor e o aluno. Nos dias atuais é fundamental o processo de negociação num trabalho de avaliação é fundamental. Essa negociação pressupõe a discussão coletiva de critérios. A avaliação deve ser encarada como uma reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino. Para que seja produtiva a avaliação deve ser um processo de diálogo, interativo, que visa fazer do individuo um ser melhor, mais criativo, autônomo, participativo, a avaliação precisa levar a uma ação transformadora e também com sentido de formação social, de coletividade de humanização.

Esse sistema só pode ser bem sucedido se forem garantidas algumas condições, como uma nova proposta pedagógica que valorize a articulação com a comunidade, ação formativa dos professores, convivência participativa dos alunos, adequação política do material didático, capacidade política pedagógica do professor, convivência criativa entre a escola e a comunidade. Além disso, é essencial dar um novo papel ao professor e garantir a ele uma boa formação contínua, com ênfase no trabalho coletivo (ZABALA, 1998).

Devemos caminhar para uma educação em que o conhecimento não tenha uma estrutura gnoseológica estática, mas seja um processo de descobertas mediadas pelo diálogo entre educador e educando. Nessa escola a preocupação, na sala de aula, deverá ser com uma educação que tornem os alunos, pessoas habilitadas para agir na sociedade e entendê-la, sem qualquer tipo de manipulação obscura. Devemos valorizar a formação de capacidades, o desenvolvimento de criatividade pessoal e do reconhecimento do outro como sujeito e por fim surpreender o processo de formação da consciência política dos alunos (ZABALA, 1998).

Nesse processo de avaliação, que o professor deve também se avaliar, refletindo sobre o seu próprio trabalho, verificando seus procedimentos e, quando necessário, reestruturar sua prática.

A avaliação, também é importante na associação de moradores, pois a mesma permite que o pesquisador conheça profundamente uma comunidade, nos seus diferentes aspectos como reivindicar seus direitos e averiguação do processo participativo, aonde venha analisar e de pensar criticamente e oferecer soluções próprias.

Conforme Demo (2002), no marxismo predomina tradições muito contraditórias, mesmo ao longo da vida de Marx. Predomina a concepção de que a transformação histórica é determinada em última instância pela transformação do modo de produção.

O estado, não tem interesse em sustentar a consolidação da cidadania popular através da educação, porque isto tem como um dos efeitos aumentar a capacidade popular de controlar as ações do próprio governo. Para o estado é fundamental que a sociedade não se torne crítica, não tenha conhecimento, não possua informação, desta forma é mais fácil manobrar a massa ignorante do que enfrentar a cidadania organizada.

Para uma educação transformadora, Luckesi (1999) acrescenta que na avaliação da aprendizagem predomina os aspectos qualitativos. Nesta concepção, a avaliação deve ter uma finalidade diagnóstica, voltada para o levantamento das dificuldades dos alunos, com vistas a formação de rumos, a reformulação de procedimentos didáticos ou até mesmo de objetivos. A avaliação é um processo contínuo e paralelo ao processo de ensino-aprendizagem. Ela deve ser permanente.

Há reformas importantes no campo educativo, como aperfeiçoar a formação dos professores e colaborar na trajetória de sua organização política, equipar adequadamente o espaço físico da escola, universalizar a educação básica. É preciso que o educador lute pelos seus direitos e que construa uma proposta radical, com pretensão de instaurar uma nova ordem. Que busquem possíveis soluções e que se reúnam para formar um partido, um sindicato, uma associação, para construir uma profunda identidade ideológica e prática, para dedicar-se para construir uma comunidade, um caminho próprio de desenvolvimento.

O intelectual pode proletarizar-se quando sofre processos de empobrecimento, mas a situação típica vive mais ou menos bem a sombra da burguesia. Para o sistema, o intelectual que faz uso da crítica e não a coloca em prática não lhe serve muito. O intelectual imagina ser astuto, mas o sistema é mais ainda. Neste processo o intelectual também deve avaliar, refletindo sobre o seu próprio trabalho, aonde não venha permitir que o sistema domine a sua prática.

### **3. CONSIDREÇÕES FINAIS**

Diante de todas as considerações apresentadas acerca do papel e da importância da avaliação, deve ser conscientemente vinculada a concepção de mundo, de sociedade, das associações e do ensino que queremos, permeando toda prática pedagógica e as decisões metodológicas.

Sendo assim, a avaliação não deve representar o fim do processo de aprendizagem, nem tão pouco a escolha inconsciente de instrumentos avaliativos, mas, sim a escolha de um caminho a percorrer na busca de uma sociedade crítica, participativa que reivindica seus direitos e que luta por uma vida de qualidade e também uma escola necessária onde o educando seja participativo, crítico e atuante. Onde o educador tenha um compromisso político, social, seja um pesquisador, um eterno aprendiz dos estudos, tenha uma prática coerente com a teoria, onde seja consciente de seu papel como cidadão.

### **4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. 7. ed. Campinas. Editora. Autores Associados, 2002.

LUCKESI, C. C. **Avaliação Escolar**. São Paulo: Cortez, 1999.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.